

## **Título Evento: INTERFACE ENSINO SUPERIOR/MERCADO DE TRABALHO: estratégias e exigências**

**Tipo de Evento e promotores (Conferência/Seminário/Jornadas/etc.): Encontro anual do GT2 (Grupo de Trabalho para a Qualidade no Ensino Superior)**

**Data:** 8 out 2014

**Local:** Instituto Piaget - Almada

**Participante(s) da AEP:** Marta Pile, Isabel Ribeiro, Alexandra Pontes, João Patrício, João Fernandes

**Programa:**

[http://aep.tecnico.ulisboa.pt/files/sites/22/programa\\_ficha\\_inscricao\\_cs11\\_encontro\\_interface-ensino-superior-mercado-de-trabalho\\_8out.pdf](http://aep.tecnico.ulisboa.pt/files/sites/22/programa_ficha_inscricao_cs11_encontro_interface-ensino-superior-mercado-de-trabalho_8out.pdf)

**Endereço web do evento:**

[http://www.i.ipq.pt/PT/IPQ/historico\\_eventos/Pages/Historico%20de%20Eventos.aspx](http://www.i.ipq.pt/PT/IPQ/historico_eventos/Pages/Historico%20de%20Eventos.aspx)

**Informações complementares:** [pasta do servidor da AEP](#)

O Prof. Luis Manuel Cardoso, Presidente do I. Piaget deu as boas vindas e referiu a oportunidade do tema, e a necessidade de convergência entre mundo universitário e laboral. Seguiram-se o Eng<sup>o</sup> Ricardo do IPQ e a Eng<sup>a</sup> Teresa Guimarães (CS11), que aproveitaram para reforçar a importância destes momentos de partilha, e referir também que este evento está em total sintonia com a estratégia da União Europeia 2020 para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, e que se encontra inserido numa outra iniciativa relevante - "[Semana Europeia das PME's](#)" - cujos objetivos são:

- fornecer informações sobre os diversos tipos de apoio prestado pela UE e pelas autoridades nacionais, regionais e locais às microempresas e às PME;
- promover o empreendedorismo de forma a que mais pessoas, em especial os jovens, encarem seriamente a possibilidade de optar por uma carreira de empresário;
- reconhecer o contributo dos empresários para o bem-estar, o emprego, a inovação e a competitividade na Europa.

A intervenção do Prof. Antonio Câmara (Prof. Catedrático da UNL e CEO da Ydreams, fez uma apresentação intitulada: "O futuro inventa-se".

Referiu que vivemos uma mudança de paradigma, de um capitalismo clássico para uma economia baseada na inovação. Sustentado em indicadores de vários estudos do EIT, referiu que a Europa tem falhado na criação de grandes empresas, e que o desemprego global se manifesta com especial relevo na Europa, incluindo Portugal.

Apresentou um conjunto de dados sobre a criação de patentes no mundo, referindo que o problema das patentes na Europa é que elas não têm dado azo a empresas nem à criação de novas indústrias a partir da universidade. Nos últimos sessenta anos a Europa apenas criou uma grande empresa e que sem uma mudança cultural vai ser difícil alterarmos o paradigma.

Com base na sua experiência como Estudante e Professor no MIT (Massachusetts Institute of Technology), lança um desafio a Professores e Estudantes do Ensino Superior no sentido de dirigirem o estudo e a investigação para a criação de novas indústrias, sendo que a nota do Estudante não será mais a preocupação principal, mas sim a sua capacidade de iniciativa e criatividade.

Na sua opinião, no mundo de hoje a valorização das empresas está correlacionada com a propriedade intelectual, que por sua vez permite a liderança intelectual, e que só esta

liderança permite a posterior liderança do mercado. Um bom exemplo dessa liderança é a empresa “Google”.

Neste sentido, considera como funções prioritárias do ensino neste momento conseguir que o Estudante:

1. Seja estimulado para ser criativo, ter ideias
2. Tenha a ajuda necessária para procurar financiamento para as suas ideias
3. Saiba o que se entende por “propriedade intelectual”
4. Consiga desenvolver produtos: “saiba usar as mãos”
5. Saiba comunicar, contar histórias, dominar os media para transmitir as suas ideias
6. Consiga desenvolver um negócio
7. Perceba de marketing e vendas
8. Perceba de gestão financeira e estratégica

Portugal financiou desde 1986 muitas bolsas de investigação e tem hoje uma massa crítica de talento e classe mundial. Para converter este potencial são precisos empreendedores, e para isso é necessário mudar culturalmente e recrutar fora do ecossistema português para permitir o desenvolvimento mais rápido do país.

Existem vários modelos de como criar novas indústrias. O Modelo Linear, por exemplo, tem sido o mais utilizado em Portugal e Europa e aposta na investigação básica, que posteriormente poderá ser aplicada, transferindo para empresas valor acrescentado. Contudo, este modelo não é eficiente nem eficaz, pois esquece-se que, para que os resultados da investigação seja passado às empresas empresas tem que haver empreendedores nas equipas de investigação (o que nem sempre, quase nunca, acontece).

Outro modelo, Californiano, não é aplicado em Portugal porque a nossa Indústria tem tecnologia antiga, e este modelo implica indústria baseada na nova tecnologia, valor acrescentado com input das universidades no que diz respeito à nova tecnologia. Existe uma equipa de investigadores que asseguram a transição da investigação para o mercado através da criação de novos produtos/negócios.

Já no Modelo de Excubação, é promovida a criatividade na organização, estimulada a geração de novos produtos, e premiados os vencedores (campeões e campeãs). E são precisamente estes vencedores que têm a paixão necessária para transformar as suas ideias em realidade (exemplos da Google, Facebook, Amazon).

Por último foi referido um outro modelo, “eXplora”. Trata-se de uma Plataforma on line e presencial, desenvolvida no âmbito de uma parceria entre a Ydreams e FCT-UNL, com o objetivo de facilitar a:

- Geração de ideias
- Filtragem de ideias
- Propriedade intelectual
- Desenvolvimento de protótipos
- Comunicação
- Financiamento
- Desenvolvimento de produtos
- Desenvolvimento do negócio

Foi ainda referida a necessidade de recorrer ao “crowdfunding”, sendo que todos os cursos universitários deveriam ensinar os estudantes a ir buscar financiamento.

Na mesa redonda moderada pela jornalista Fernanda Freitas, foram questionados os alunos e os empregadores da mesa sobre as taxas de empregabilidade e sua relação com a escolha dos cursos, as mais valias dos mesmos e/ou da cultura institucional da escola que o leciona, entre outras questões.

Todos falaram das competências que consideram mais relevantes para o sucesso de uma carreira, e que deve ser avaliada não só pelo valor da performance, mas também do networking, e dos objetivos do trabalhador. Os candidatos a emprego têm que ter paixão, têm que gostar do que fazem, ter objetivos a longo prazo, ter ambições exequíveis, um investimento constante em novas competências (sejam teóricas, sejam práticas), pois só os melhores, os mais focados, mais dedicados, evoluem na carreira.

Todos foram unânimes em considerar que não basta “carregar no botão”, que essa componente técnica que se aprende nos cursos é importante, mas o saber “quando e porquê carregar”, é que já depende de cada um. Isso tem a ver com as “Soft skills” desenvolvidas pelos estudantes, que deverão saber trabalhar em equipa, ter ambição, expressar-se com fluência em português e inglês, ter conhecimentos básicos de informática, etc, para além de assumirem com integridade os valores da empresa para a qual vão trabalhar.

O orador Vitor Escária, Professor do ISEG, apresentou sobretudo indicadores de medição da empregabilidade dos diplomados, que deverão ter como principal objetivo orientar não só as escolhas individuais, mas também as políticas públicas.

Discutiu-se a pertinência e fragilidades do indicador utilizado até à data (Número de desempregados inscritos nos centros de emprego por curso), estatística q depende do ato deliberado do individuo q pode estar desempregado e não estar inscrito.

Paralelamente discutiu-se a relevância de ter em conta determinadas situações tais como:

- Se o diplomado está empregado na área do curso (relação emprego/curso);
- Se o diplomado está desempregado mas não procura emprego (escolha individual);
- Se o diplomado prosseguiu estudos apenas porque não encontrou emprego (motivações para continuação de estudos);
- Etc.

Foi ainda referida a necessidade de produzir uma ferramenta transversal e única para todos os cursos, dado que a recolha de dados pelas IES pode enviesar os dados. Existe uma proposta da A3ES para que a DGEEC (Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência) lance um inquérito comum para todos os diplomados: uma operação transversal que permita contemplar dimensões pertinentes para que não se fique pela simples contabilização dos empregados diplomados sem ter em conta mais nenhuma variável.

Sugere-se a manutenção dos empregados e diplomados numa fração, mas propõe-se a retirada do que estão a estudar porque não encontraram emprego, etc. Também o CRUP está a estudar este problema, propondo que cada escola faça o seu inquérito, mas Vitor Escária não concorda.

Para este especialista, terá que ser uma entidade externa, independente a fazê-lo, propondo um inquérito curto feito na DGEEC, com a vantagem de esta entidade ter um conjunto de dados dos alunos nas suas bases de dados, obviando um conjunto de questões sobre o estudante diplomado. Neste momento a DGEEC está a ponderar esta questão, e a articulá-la com o CRUP, ponderando ainda a criação de um índice de empregabilidade para cada par

cursi/instituição, com uma fórmula simples, de fácil leitura.

O inquérito seria lançado cerca de um ano/ano e meio após a conclusão do curso, mas incluiria uma referência sobre a altura que deverá servir de base às questões, ou seja: o inquirido deverá reportar-se à situação que tinha 1 ano após a conclusão do curso (e que é a fronteira do desemprego de longa duração).

O Prof. Jorge Gomes falou das ameaças de um mundo em mudança: a globalização, a falência do estado social, a crise, a mudança nas pessoas (as novas gerações com mais capacidade para processar informação, com novas conceções sobre a amizade, o amor), o envelhecimento da população, os movimentos migratórios, confiança (ou falta dela) nos governantes, as conceções sobre o trabalho e a geração de riqueza, entre outros.

Muitas competências foram referidas como fundamentais para uma carreira de sucesso:

- Criatividade e inovação
- Gestão da mudança
- Raciocínio computacional e capacidade de abstração
- Inteligência social e cultural
- Liderança
- Trabalho em equipa
- Persistência, auto controlo, motivação, ...
- Línguas estrangeiras (inglês, espanhol, ...)
- Empreendedorismo

E o que fazem as universidades para promover isto? Foram dados vários exemplos de várias escolas com cursos de *design thinking* (2 dias, 1 ect), de *competências transversais* (10 horas, 1,5 ect), *Empreendedorismo* (120h, sem indicação dos Ects), *Estudos gerais* (180 ect, curso de licenciatura), etc.

No ISEG, a reflexão sobre as competências transversais deu-se sobretudo ao nível dos conteúdos do MBA. Mudaram sobretudo o enfoque das competências transversais, consideradas fundamentais a liderança, inovação, e o empreendedorismo, para o aumento da empregabilidade dos seus diplomados. Foi referido contudo a dificuldade em avaliar a eficácia do ensino das *softskills*, pela escassez de instrumentos para as medir.

O Prof. Jose Sales da Universidade Aberta referiu os objetivos da agenda 2020, que justificam a importância da ALV (Aprendizagem ao Longo da Vida). Começando pelo rápido envelhecimento da população, constata-se que já não é suficiente investir apenas nos mais jovens. São precisas mais opções para os mais velhos: programas modulares, percursos, formatos e qualificações diversificadas.

As escolas têm que incorporar assumida e coerentemente a lógica da ALV nas suas propostas formativas: devem redefinir as suas funções, as suas formas de organização e eventualmente os seus valores. Têm nos dias de hoje uma responsabilidade social acrescida. Todas devem investir na criação de gabinetes, estruturas, outras formas de apoiar especificamente a ALV, e voltarem-se para novos públicos.

O Dr. Fernando Chau do Banco de Portugal começou por apresentar vários projetos do Ministério da Economia no âmbito da promoção da empregabilidade no país, bem como um conjunto de dados sobretudo da OCDE relativamente ao desenvolvimento de competências.

O Prof. Mário Ceitil (Professor na Univ. Católica e Lusófona), teve uma apresentação sobre as competências que considera serem de exceção. Com um discurso provocador, deu exemplos de como uma pessoa com determinadas características pode marcar a diferença, nomeadamente:

- Ter algo de fanático;
- Ser socialmente transgressor;
- E emocionalmente perversos.

Foram referidas ideias fundamentais para as instituições de ensino superior:

- Saírem da lógica transmissiva para uma lógica narrativa (pedagogicamente falando). O aluno tem que ser protagonista das histórias transmitidas nas aulas, é preciso usar a metáfora no discurso, rir, brincar.
- Desenvolver o *High Concept* nos alunos - capacidade de criar beleza artística e emocional e detetar padrões e utilidades, conexões. Criar uma narrativa satisfatória, uma ficção útil, combinar ideias desconexas num objetivo coerente.
- Desenvolver o *High Touch* nos alunos - capacidade para sentir os outros, o problema dos outros, empatia, subtilezas de interação com os outros. O futuro e o destino está dentro de nós. As pessoas perdem a esperança de se reinventarem a si próprias quando desempregadas.

E qual o papel dos professores?

Basta aplicarem o modelo de Bolonha!

No encerramento da sessão, a Eng<sup>a</sup> Teresa Guimarães referiu que tinha sido um dia rico em ideias e deixou algumas notas que lhe pareceram importantes:

- Há que mudar de paradigma;
- O estudante deve ambicionar ser empregador e não apenas empregado;
- A carreira é gerida pelas pessoas e não pelas organizações, com paixão
- A importância da ALV e dos novos públicos, que implicam novas funções e responsabilidades para a universidade.